

**A CONCEPÇÃO DE SUJEITO
DA PSICANÁLISE À ANÁLISE DO DISCURSO**

Carmen Elena das Chagas (IF Muzambinho e UFF)
carmenelena@bol.com.br

I. Considerações iniciais

A linguística apresentou a situação da identidade de forma bem pacífica, tanto no caso da identidade de uma língua como no caso da identidade do falante de uma língua. Assim, a linguística mostra-se como uma investigação racional à medida que torna a autoconsciência possível e o linguista, simplesmente linguista, é qualitativamente diferente do linguista falante nativo comum.

Os linguistas como as demais pessoas geralmente se referem a falantes de uma língua como se não existisse nenhum problema para decidir. Quem pertence ou quem não pertence ao grupo que se pretende identificar e discriminar. Já dizia Chomsky “Os homens e mulheres reais que caminham sobre a face da terra estão muito distantes daquele ideal” (CHOMSKY, 1965, p. 03)

Para Bloomfield, “o papel do linguista é observar” (BLOOMFIELD, 1944, p. 49), pois para ele não se deve confundir os níveis, o do nativo de quem se deseja o fornecimento de dados e a do investigador que tem a capacidade de fazer a análise científica.

Já para Bakhtin, o estruturalismo não tem por objeto a língua real, porque a língua real é o que falam homens e mulheres reais e socializados. Assim, a linguística estuda uma língua viva como se fosse morta e uma nativa como se não fosse materna e sim estrangeira.

O objeto da linguística apresenta uma divisão discursiva, formando uma lacuna: o da manipulação de significações estabilizadas e cristalizadas por uma alienação do pensamento e o das transformações do sentido na busca de variadas interpretações.

É um homem que fala no mundo, que fala com outro e é a linguagem que ensina a própria definição desse homem, pois o outro aparece por meio dela. É na linguagem e por meio dela que o homem se constrói como sujeito, pois só a linguagem fundamenta a sua realidade: a do ser.

Através do conceito falante-nativo na linguística foi apresentado o termo indivíduo. O indivíduo foi, a partir desse momento, um “eu” constituído de forma única, cuja realização passou a ser a autoconsciência.

Para que serve o contexto de situação se não for para mostrar a identidade do usuário de uma língua – sua espontaneidade – em modos mais realistas? Pois o contexto não possui limites. Tudo que se possa falar sobre o contexto é rapidamente incorporado ao próprio contexto, não permitindo que haja uma saturação no ato de fala real.

Desta forma, as identidades da língua e do indivíduo apresentam implicações várias. Isso significa que as identidades estão sempre em um estado de fluxo, pois falar de identidade, seja ela do indivíduo falante, seja da língua isolada, é recorrer a uma forma conveniente com danos para a fundamentação teórica da linguística.

2. *Objetivo*

Este artigo objetiva apresentar uma análise superficial do conceito de Sujeito de acordo com as concepções de alguns autores como Freud, Lacan, Foucault, Pêcheux e outros, visando a construir um paralelo entre as ideias apresentadas pelos autores citados acima, tendo como fundamentação teórica a contribuição da análise do discurso.

3. *Língua, linguagem e discurso.*

3.1. *Língua*

A língua, *lato sensu*, é um sistema gramatical que pertence a um grupo de indivíduos. É a expressão da consciência de uma coletividade. Sua função social é a criação da sociedade, pois não pode ser imutável, pelo contrário, precisa viver em eterna evolução para a construção da cultura de um povo.

A ação individual de apropriação de uma língua introduz o indivíduo que fala. Isso significa um dado constitutivo de uma enunciação. A presença de quem fala na enunciação faz com que cada parte do discurso constitua um centro de referência interno, cuja função é de colocar o falante em relação constante com sua enunciação. Depois da enunciação, a língua que foi emanada por um falante atinge outro falante, suscitando outra enunciação de retorno.

Partindo da posição de Saussure, a língua é um todo autocontido e um princípio de classificação. O todo autocontido é a fala que para autor se chama *langage* e, aquilo que se afirma ser de modo delineado, chama-se de língua.

Já para Chomsky língua apresenta-se como um substantivo abstrato não pluralizável, cuja preocupação está em restringir a linguística apenas à busca de universais e da definição de propriedades apenas. Assim:

... uma pessoa que conhece uma língua domina um sistema de regras que, de um modo definido, atribui som e significado a uma classe infinita de frases ... naturalmente, a pessoa que conhece a língua não tem consciência de ter dominado essas regras ou de estar fazendo uso delas, nem há razão alguma para supor que o conhecimento das regras possa supor que o conhecimento das regras possa tornar-se consciente. (CHOMSKY, 1972, p. 103-104)

Observa-se que Chomsky, defensor de uma gramática genuinamente científica, procura especificar o que o falante realmente conhece e não aquilo que ele possa contar sobre seu conhecimento.

Todo enunciado e toda sequência de enunciados que compõem a língua é, pois, linguisticamente descritível como vários pontos possíveis de interpretação. É nesse estado que objetiva trabalhar a análise do discurso.

Essa visão, que apresenta concretamente formas de se trabalhar sobre as materialidades discursivas, pode implicar em discursos ideológicos, filosóficos, políticos e culturais que emanam das relações com o cotidiano e com a ordem normal do sentido, construindo o real da língua.

3.2. Linguagem

A linguagem é uma condição *sine qua non* de constituição do sujeito. O que regula a estrutura imaginária se faz através do registro simbólico. É o olhar de outro que permite a constituição de uma imagem unitária, assim o sujeito se vê como é visto por seus semelhantes.

A linguagem é instrumento de comunicação e isso se deve a duas razões:

1-consistiria em que a linguagem se encontra de fato empregada como instrumento, porque os homens não encontraram um meio melhor nem mesmo tão eficaz para comunicar-se;

2-Poderia também pensar em responder que a linguagem apresenta disposições tais que a tornam apta a servir de instrumento e se presta a transmitir o que lhe confia ou que provoca no interlocutor um comportamento cada vez adequado.

Na verdade a comparação da linguagem com um instrumento deve encher de desconfiança como toda noção simplista a respeito da linguagem.

Interligar linguagem e identidade implica em mostrar a importância da cultura na questão da estrutura. Tanto a linguagem quanto a identidade passam a se inserir em culturas diversas, o que leva a psicanálise a se interrogar sobre diferentes formas de constituição do inconsciente.

A linguagem só é possível porque cada falante se apresenta como sujeito, retornando a ele mesmo como eu no seu discurso, tornando-o, assim, o seu eco. A partir disso a linguagem é marcada intensamente pela expressão da subjetividade que está no exercício da língua, permitindo a cada falante apropriar-se da língua toda, designando-se como “eu”.

3.3. Discurso

A significância de um discurso depende dos atos reais ou possíveis nele contidos. Uma dependência que pode ser avaliada somente com base no nosso conhecimento ou crença sobre os fatos atuais ou possíveis em algum universo ou situação, pois os fatos denotados como estados de coisas, ações ou eventos têm organização espacial, condicional ou temporal. Entender um discurso pressupõe entender o mundo real ou idealizado, já que em cada parte do discurso deve existir uma nova informação que seja ligada à informação antiga.

Acredita-se que existe nas sociedades uma espécie de desnível entre os discursos. Os que ao correr dos dias e das relações discursivas se esquecem no próprio ato que lhes deu origem ou nos discursos que estão na origem de alguns novos atos e fala. Atos que retomam os discursos, que os transformam ou que falam deles, isto é, os discursos que são ditos, foram ditos e estão ainda por dizer.

São as aproximações implícitas que permitem relacionar a expressão ativada e isolada do enunciado à temática global de um discurso, estabelecendo um elo entre seus diferentes segmentos. Isso explica por que, muitas vezes, o emprego de construções processadas coincide com a pas-

sagem e um segmento a outro, ou seja, marca uma mudança ou um deslocamento do sujeito.

O discurso direciona para a não correspondência entre as palavras e as coisas. Os objetos não ocorrem de acordo com as propriedades intrínsecas do mundo, mas são construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo e desenvolvidos como um fluxo contínuo de estímulos.

O discurso está na ordem das leis, onde sempre se observa o seu aparecimento, o lugar que se concede e que o honra, mas que, ao mesmo tempo, o desarma. Se o discurso apresenta algum poder, provém do falante, pois é nele que está a significação do pensamento.

Assim, o discurso nada mais é do que o reflexo de uma verdade que está sempre a nascer diante dos seus olhos e quando por fim tudo pode tomar a forma do discurso. Isto é, quando tudo se pode dizer e o discurso se pode dizer a propósito de tudo, porque todas as coisas que manifestaram e ofereceram o seu sentido podem reentrar na interioridade silenciosa da consciência de si.

4. O sujeito.

4.1. O sujeito para Freud

A descoberta do inconsciente já modificara a ideia de sujeito a mostrar que a consciência é a parte mínima da vida psíquica. E de acordo com Freud, somos muitos, pois o Ego é definido como um conjunto de identificações que cada sujeito vai utilizando no decorrer de sua vida, já que somos portadores de várias identificações, isto é, somos o resultado de uma produção em massa.

Freud apresenta uma etapa primitiva da linguagem em que sons idênticos designavam objetos do mundo do trabalho e do mundo erótico. Com isso os conceitos originaram na comparação com seu oposto – o outro –, pois o homem só pode obter seus conceitos mais antigos e mais simples por oposição a seus opostos.

Desta forma, Freud utilizou o termo identificação para definir processos estruturantes que ocorrem no “Eu” (Ego) por meio dos quais o sujeito internaliza relações com o mundo circundante, dando lugar a matrizes identificatórias e com a descoberta do inconsciente, a subjetividade

deixou de ser pertencente a processos de individuação e sim a um modelo social de cultura.

4.2. O sujeito para Lacan

Lacan propõe que a constituição de um sujeito psíquico se dá por meio de outro. Existe um “eu” que é sujeito do enunciado e um “Eu” que é sujeito da enunciação. Para o autor é fundamental a distinção entre a vertente do enunciado do discurso e o ato de enunciação que elabora este enunciado. Isso especifica a relação que o sujeito falante tem com o inconsciente e com o desejo.

Lacan mostra que o inconsciente se estrutura como uma linguagem, ou seja, como uma cadeia de significantes. É a construção de uma pessoa em sua realidade, inclusive, com seu corpo e sua organização psíquica. Na verdade, é a visão da própria pessoa de alguém em contraponto com a figura de outras pessoas ou objetos situados fora desse alguém. Assim, o sujeito para Lacan é um significante que remete a outro significante, ou seja, o sujeito se dá a partir da linguagem. Ele postula que o significante atua separadamente de sua significação e contra o sujeito, pois o significante é o suporte para o discurso, já que significante e significado são duas teias que não se encobrem.

Desta forma, Lacan procurou reduzir a psicanálise a uma análise linguística, pois se referiu a vários autores como Saussure, Jakobson e Freud, mostrando uma concepção do inconsciente como estruturado, uma linguagem e uma visão do sujeito como um ser da própria linguagem ou ser falante. Ele afirma que procura seu objeto onde há uma lacuna. Somente quando se pode levar em conta o registro do Real que se entende de que forma a letra e significante são construídos pelo autor. O significante não pode ser capturado pela linguagem, mas, no entanto, pode ser articulada em uma estrutura simbólica e formar uma cadeia de significantes.

4.3. O sujeito para Foucault.

É notável que se vê, em uma sociedade como a nossa, a existência de procedimentos de exclusão. O mais natural é o interdito. O ser humano sabe que tem consciência de que não tem direito de dizer tudo o que se deseja, que não pode falar do que quer que seja. Para Foucault, todo o seu trabalho foi desenvolvido em uma arqueologia do saber filosófico, da

experiência literária e da análise do discurso, havendo uma relação de poder e uma prática de subjetivação.

Em sua época há uma popularidade do estruturalismo que logo se integra aos autores e filósofos Derrida e Barthes.

Para Foucault, o discurso verdadeiro separado do desejo e liberto do poder pela necessidade da sua forma não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa e a vontade de verdade que, desde há muito, nos foi imposto. Há a necessidade de que o autor revele o sentido escondido que o atravessa, pois é ele que dá à inquietante linguagem da ficção, as suas unidades na medida em que as escolhe coerentemente na inserção do real. O indivíduo que começa a escrever um texto retoma a sua função de autor. Aquele que escreve que seleciona as palavras do dia a dia com ele a concebe de sua época e por sua natureza as modifica.

O princípio do autor afirma com o jogo de identidade que tem a forma da individualidade e do eu. Não é um sentido que deve ser redescoberto, nem está suposto que é uma identidade que deve ser repetida, antes está suposto aquilo que é necessário para a construção de novos enunciados.

A doutrina de Foucault liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes interdita todos os outros, porém em reciprocidade serve-se de tipos de enunciação para unir indivíduos entre si e, dessa forma, diferenciá-los de todos os outros. Ele efetua uma dupla sujeição, sendo a dos sujeitos falantes ao discurso e dos discursos ao grupo dos indivíduos falantes. Afinal de contas um sistema é uma qualificação e uma fixação dos papéis falantes, constituindo um grupo doutrinal que se apropria do discurso com os seus poderes e os seus saberes. É na realidade uma ritualização da fala.

Desta forma, ser um sujeito para Foucault é ocupar uma posição enquanto enunciador, pois os sujeitos são enunciados ligados à linguagem e ao signo.

4.4. O sujeito para Pêcheux

Para Pêcheux, a língua é um objeto montado pelo linguista e deve ser reconhecida pelo seu funcionamento e não porque tem funções. O objeto da análise do discurso para ele cruza a via do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação da análise do discurso.

O sujeito para Pêcheux se constitui pelo Esquecimento daquilo que o determina. Pode precisar que a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação com a formação discursiva que o domina. É uma unidade imaginária do sujeito, pois se apoia no fato de que os elementos dos interdiscursos constituem discurso do sujeito e os traços daquilo que o determinam, já que os enunciados são sempre repetidos pelo sujeito.

Nesses traços discursivos imagina-se que todo sujeito falante sabe do que é falado, pois todo enunciado produzido reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, de forma transparente, em uma descrição adequada do universo, já que esse universo é tomado discursivamente nesses traços determinantes.

A questão teórica posta em contexto é, pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência estável, suscetíveis de resposta unívoca e formulações equivocadas.

Pêcheux não deixa de levar em conta a presença da reflexão sobre a materialidade da linguagem e da história, mesmo percorrendo agora o espaço das múltiplas urgências do cotidiano.

De acordo com a materialidade do discurso e do sentido, diz-se que os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes, isto é, em sujeitos dos seus discursos e dessas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que são coerentes.

Pêcheux se colocou entre o que se pode chamar de sujeito da linguagem e sujeito da ideologia, formando uma mediação entre esses sujeitos.

5. Considerações finais

Segundo Lacan, o sujeito advém pela linguagem, mas se perde nela, por estar aí apenas representado. A verdade do sujeito só advém na articulação da linguagem em sua enunciação. O sujeito do desejo deve ser situado ao nível do sujeito da enunciação.

O sujeito pragmático –, isto é, cada um de nós, os “simples particulares” face às diversas urgências de sua vida – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que

vão da gestão cotidiana da existência até as “grandes decisões” da vida social e afetiva, passando por todo o contexto sociotécnico dos “aparelhos domésticos”.

Podemos resumir o que precede dizendo sob a evidência de que “eu sou realmente eu”. Há o processo da interpelação-identificação (é alguém chamado a ocupar o lugar, um espaço = identificação discursiva) que produz o sujeito no lugar deixado vazio. É a ideologia que, através do “hábito” e do “uso”, está designando, ao mesmo tempo o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo”. É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que se chama o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados. (ideológico / discursivo / classe social).

O EGO, isto é, o imaginário do sujeito não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao Outro ou ao Sujeito, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a forma da autonomia. Está-se retomando a designação que Lacan e Althusser deram do processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como interior sem exterior e isso pela determinação do real (exterior) e especificamente – acrescenta-se – do interdiscurso como real (exterior).

Diz-se que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que faz com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos etc., e as noções de asserção e de enunciação estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante. (171)

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito: porque só a linguagem se fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser – o conceito de “ego”.

A língua, enquanto assumida pelo homem que fala e sob a condição de intersubjetividade, é a única que torna possível a comunicação linguística. (293)

A linguagem não é entendida como uma origem ou como algo que encobre uma verdade existente, mas sim como exterior a qualquer falante e que define a posição de todo sujeito possível.

Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. Nada se torna um sujeito, mas aquele que é chamado é sempre já-sujeito. Todo sujeito humano – social – só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito.

Os sujeitos de Lacan, Foucault ou Derrida são ligados ao signo, diferentes de Pêcheux. Este introduz outra linguística formal que não justapõe a enunciação, constituindo uma filosofia das ideologias: de Lacan e de Althusser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. NOVAK e NERI. São Paulo: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1998.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

CHNAIDERMAN, Mirian. Linguagem(ns) – identidade(s) – movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux. In: GADET, F. e HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. MARIANI, Bethânia S. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. ORLANDI, Eni Puccinelli. Campinas: Pontes, 2008.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. São Paulo: UNICAMP, 1988.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês.

ANAIIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado das Letras, 2006.